

Idéias para dinamizar nossa cultura

FERNANDO MADEIRA

Nas metrópoles e cidades de porte médio, artistas, poetas, escritores, fotógrafos, artesãos, atores, arquitetos, músicos, etc. procuram instalar seus ateliers, escritórios, estúdios, seus lugares de trabalho e de vivência em bairros em geral em decadência ou em fase de mudança de uso. Estes espaços têm um valor de aluguel acessível aos novos usuários, são amplos, muitas vezes bem ventilados e claros e suportam muito bem a adaptação às novas atividades que ali irão acontecer. São espaços onde funcionavam pequenas e médias indústrias, comércio atacadista, depósitos diversos, gráficas, garagens, armazéns de estocagem, oficinas de diversos tipos, ou até mesmo antigas moradias da alta classe média que, desativados, pouco a pouco foram se tornando obsoletos, cortiços ou casas de cômodo.

Montmartre, Montparnasse, Bastille, em Paris; Soho, Tribeca, West e East Village, Lower Manhattan, em Nova Iorque; Santa Tereza, Lapa, Catumbi, no Rio de Janeiro, são exemplos típicos. Com a chegada dos novos usuários estes bairros começam a ganhar novo desenvolvimento. Espaços culturais são abertos, surgem cinemas, teatros, livrarias, galerias, cafés-concerto, restaurantes, mercados, feiras, bares, centro de artesanato, discotecadas, boates, etc. que atraem grande número de pessoas porque ali, de novo, há vida. Uma artista vivendo em uma destas cidades tem, portanto, algumas opções quando procura um espaço para instalar seu atelier.

As relações urbanas que propiciaram a revitalização destes bairros são de natureza orgânica, isto é, acontecem em espaços ditos tradicionais das cidades típicas do mundo ocidental, seguindo a lei da oferta e da procura característica de nossas sociedades e da lógica capitalista. A interferência do Estado é mínima ou nula. São pequenos patrocínios, alguma obra urbana necessária, apoios menores diversos, isenção de taxas. Tudo acontece sem intermediários.

Karel Appel, o mais conhecido artista do grupo Cobra conta que durante a Segunda Guerra Mundial viveu hibernando em um cubículo do 6º andar de um prédio sem elevador no centro de Amsterdam. Logo que a guerra terminou um funcionário do go-



HELLY

verno veio bater à sua porta e perguntou pelo Sr. Karel Appel. Appel assustou-se. Era tempo de paz, mas imediatamente após a guerra. Após identificar-se o funcionário ofereceu-lhe uma bolsa de estudos de dois anos, renovável para mais dois, dizendo-lhe que o Estado estava à procura de artistas interessados em participar da reconstrução nacional iniciada então pela educação e pela cultura. Appel procurou imediatamente um antigo quarteirão de Amsterdam onde existiam armazéns desativados e lá instalou-se, produzindo quadros de grande expressividade e colorido que eclodiram em 1948 na exposição que reuniu os artistas do grupo Cobra.

Vejamos agora o caso específico de Brasília. A cidade é atípica: nasceu de uma decisão governamental e segue, desde sua fundação, um plano bastante rígido, o que não facilita a flexibilidade e a mudança de uso dos espaços, assim como não convida a população à participação em processos decisórios sobre questões que lhe concernem, tal como ocorre nas cidades tradicionais com herança democrática mais estabelecida. Criada dentro dos padrões modernistas, suas funções e espaços são estratificados e o imprevisto é raro acontecer.

Como então ficam artistas, poetas, atores, etc. que nas cidades tradicionais apropriam-se de espaços em desuso, em bairros populares, revitalizando-os e tornando-os pólos de tração? Em Brasília eles se espremem em suas casas, disputando com a família o quartô da área de serviço, invadem a sala, penduram os trabalhos em todas as paredes. Poucos são os privilegiados que conseguem ocupar a garagem de sua casa ou um quarto de hóspedes que passa a não receber mais hóspedes. Os mais privilegiados

que conseguem alugar uma sala em um comércio local, ainda assim muitas vezes consideram-na insuficiente para o trabalho que desejam produzir.

O artista como cidadão tem o direito de reivindicar locais adequados para se exercitar, experimentar e produzir sua arte. Brasília, a cidade-capital, oficial e planejada, parece ter esquecido que aqui também aportariam ou nasceriam seres contemplativos e sensíveis voltados para a busca da beleza em seus diversos domínios, artistas, tão importantes quanto os operários e técnicos que a construiram, ou os funcionários públicos que a habitam.

Brasília, cidade moderna cujos símbolos nacionais espalham-se por todos os lados, onde a presença do Estado através de seus diversos desmembramentos é evidente, deveria e deve ainda prever em seus planos, locais específicos destinados à prática de atividades, sem falar na necessidade urgente da criação de um grande museu e de uma biblioteca de grande porte.

Sabemos que existem inúmeros espaços ociosos em nossa cidade, tanto públicos quanto privados. Nos ministérios, autarquias, empresas estatais, fundações, secretarias, escolas, universidade. Há muitos locais que não são utilizados ou são utilizados somente alguns dias durante o ano. A quantidade de auditórios, depósitos, galpões, garagens subutilizados é impressionante. Ao longo de toda a avenida W3 e em várias quadras comerciais locais encontramos salas e lojas desocupadas há meses e até há anos por motivo de pura especulação imobiliária por parte de seus proprietários.

Como poderia atuar o governo em face desta demanda?

Em primeiro lugar devemos enten-

der que o papel do Estado através de sua política cultural deve ser o de intervir, sem tutelar, quando o momento for propício e necessário. Em Brasília, em face da própria oficialidade e concepção de planejamento acima comentadas, este momento já deveria ter acontecido. Há, no entanto, ainda tempo de reparar esta falha, de preencher esta lacuna.

Praticamente, medidas rápidas e eficazes poderiam ser tomadas. Vejamos:

1) Encontrar algum incentivo fiscal que propicie aos proprietários dos espaços ociosos a entregarem aos artistas a um preço acessível suas lojas, escritórios, galpões. Estes incentivos poderiam ser de diversas ordens como a redução do IPTU ou de outras taxas.

2) Realizar um levantamento dos espaços públicos total ou parcialmente ociosos, repassando-os aos artistas a um aluguel compatível com as possibilidades dos locatários. Isto significa também que amplos espaços poderiam ser adaptados e subdivididos por dois, três ou mais artistas ocupantes.

3) A médio prazo, destinar áreas ainda livres e compatíveis com as atividades aqui propostas e que não conflitem com as leis do tombamento para a construção de células de vivência artística, com a construção de ateliers, pequenas salas para teatro, projeções de cinema e vídeo, pequenas bibliotecas, livrarias, bares, butiques especializadas, etc.

4) Embutir dentro do setor NW, futura vila olímpica, ora em fase de projeto pelos arquitetos Ruy Ohtake e Oscar Niemeyer, espaços especiais para a instalação destas células.

As idéias aqui expostas apresentam minha visão de um problema comum e destinam-se à reflexão dos artistas e de todas as pessoas que se sentem implicadas ou que compartilham destas mesmas idéias. Gostaria de ter um retorno para que se inicie uma discussão mais aprofundada, viabilizando a elaboração de um texto contendo as reivindicações da classe artística ao qual se siga uma implementação prática visando a ampliar o espaço para o crescimento, desenvolvimento e profissionalização das atividades culturais e artísticas em Brasília.

■ Fernando Madeira é artista plástico